

DO ACRE

Mas, como eu já dizendo, o governador do Acre, coronel Amílcar Dutra de Menezes, mandou um telegrama ao Ministro da Fazenda. "Informado de que o Ministério da Fazenda determinou o corte de cinquenta por cento da Verba-4, de Obras, deste Território..."

E então, lá do fundo de seu território, ele explica ao ministro estas coisas sabidas e humildes: "Os únicos meios de comunicação de que dispõe esta heróica e sofredora região são as vias fluviais que, agora no chamado período do verão, tornam-se intransitáveis, pela baixa das águas, deixando o Território isolado do resto do Brasil, pelo espaço de sete meses, isto é, de maio a novembro. As rotas aéreas semanais mal transportam material e algum medicamento. Acrescentar a isto os fretes absurdos cobrados durante o período normal; basta exemplificar que um saco de cimento que no porto de Belém custa trinta e um cruzeiros, chega a Rio Branco por cem cruzeiros, além das perdas e extravios. Pelos motivos acima expostos, a administração anterior, antecipando-se ao período da vasante dos cursos d'água, adquiriu cimento, combustíveis, ferragens, assumindo compromissos que não permitirão o corte em perspectiva. Não há, em nosso governo, uma só obra suntuária prevista. Hospitais, centros de saúde, escolas rurais nos seringais são o destino da Verba-4..."

Não sei que resposta vai dar o sr. ministro. Talvez ele ache graça que lá se chame verão o tempo que nós aqui chamamos inverno. E mesmo, entre o gesto de coçar a cabeça e o de cobrir com a mão, delicadamente, o seu ministerial bocejo, ele reflita que, afinal de contas, este Brasil é grande demais; tem lugares tão longe que nem vale a pena; e esse Barão do Rio Branco era, pensando bem, um senhor gordo e leviano que não tinha mais o que fazer do que ficar arranjando mais mato para o Brasil.

Entretanto o Acre existe, ainda que um tanto vagamente. Durante sete meses do ano só existe por avião, como um reino triste plantado atrás de uma nuvem. E no resto do tempo não vale a pena ir lá, porque está chovendo.

Mas houve pessoas que foram; e elas agora estão querendo centros de saúde, hospitais e, mesmo, escolas!

Ora, é preciso compreender que temos hoje um governo trabalhista, e nossa vida deve ser austera; mas sejamos clementes, e cortemos apenas a metade dessa Verba-4, de Obras...

Ainda bem que nessas obras não está incluída nenhuma que seja para melhorar os transportes; neste caso seria preciso cortar tudo. Muito sabiamente o Governo abandonou aos seus próprios buracos as estradas federais já existentes, e parou a construção das novas.

Porque eu tenho viajado um pouco por este Brasil e quero dar um aviso: cuidado com essa coisa de estradas. No dia em que houver estradas boas para o Acre, por exemplo, o primeiro a vir será o governador, em um "rabo-de-peixe"; depois virá o resto do povo, em caminhões. Assim, do Brasil inteiro, toda a gente convergirá para o Rio, porque afinal de contas ninguém é trouxa. O interior do Brasil, tão longamente esquecido e desprezado, é quase todo como aquela cidadezinha mineira, cercada de montanhas, cuja história Jair Silva contou: no dia em que inauguraram a estrada de ferro, depois dos foguetes, dos discursos e da cervejada, a população inteira subiu no trem e foi-se embora para Belo Horizonte.

29.5.51

R.B.

462